SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

O Império Núbio: O vale do Nilo entre os séc. VIII a.C. e II d.C.

PROFESSORA - PDE: SONIA ORTIZ DA CUNHA

ORIENTADOR: JOSÉ HENRIQUE ROLLO GONÇALVES

MARINGÁ – PR

DEZ/2008

Sonia Ortiz da Cunha*

José Henrique Rollo Gonçalves**

APRESENTAÇÃO

A intenção deste trabalho é fazer um estudo sobre a História da África, dando atenção especial ao Império Núbio. A História do Brasil e a História Geral contadas apenas sob a visão do conquistador branco, foi marcada por concepções eurocêntricas, e isso, por vezes, provocou situações de racismo e preconceito. Para termos uma história brasileira mais justa, é necessário levar em consideração e estudo a cultura de povos africanos que contribuíram para a formação desse imenso país.

A África é considerada o "berço da humanidade", de acordo com informações arqueológicas disponíveis, foi o primeiro continente a ser ocupado pelos humanos. No solo africano surgiram alguns dos primeiros cultivos agrícolas e atividades pastoris. Vários povos africanos desenvolveram técnicas de manufaturas, obras de arte, línguas e construções de monumentos diversos, formando um riquíssimo acervo cultural. Portanto, é necessário compreender a história dos povos africanos e as diferentes culturas a partir de seus próprios valores, rompendo com a visão etnocêntrica de que os povos africanos são culturalmente inferiores.

Quando se fala em África Nilótica encontramos com muita freqüência as informações referentes aos egípcios. Entretanto, é importante saber que a Núbia também foi uma civilização brilhante. Reinos como Cuxe e Meroe destacaram-se historicamente, tanto quanto o Egito.

Visando a melhoria da qualidade da educação ofertada nas escolas públicas paranaenses, este material didático-pedagógico é fruto das atividades desenvolvidas pelo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2008. Utilizando documentos históricos e iconográficos referentes a esse povo, esperamos despertar-lhe, o interesse e o prazer pelo estudo da História Antiga Africana.

---

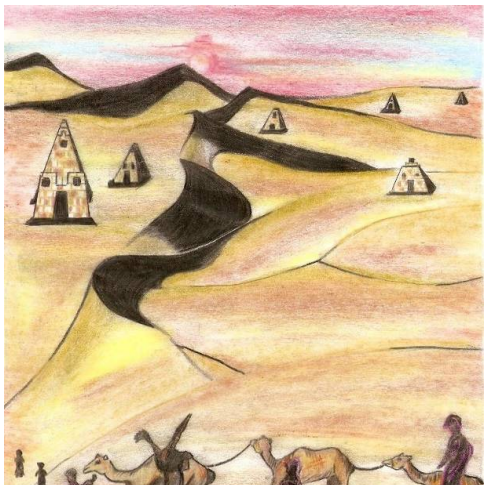
* Professora PDE da rede pública do estado do Paraná. E-mail: soniaortiz@seed.pr.gov.br

** Professor/Pesquisador – Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história - UEM - Orientador do PDE. E-mail: ze.henri@hotmail.com

INTRODUÇÃO

CARO ALUNO

O reino de Cuxe e as cidades de Napata e Meroe, até muito recentemente, eram muito pouco conhecidos do mundo. Sabia-se apenas, que eram as terras do ouro e ferro, das encantadoras candaces e das gentes que tinham a pele extremamente negra, localizadas ao Sul do Egito, na chamada África Nilótica.



Fonte: Elton John Beraldi – Ilustração 01: Deserto Núbio

Atualmente, na era da informática e dos modernos meios de comunicações e transportes, basta acessar a internet, ligar a TV, ler um jornal, uma revista ou mesmo fazer uma viagem turística, que podemos obter informações a respeito dessa majestosa civilização – tão diferente das que existiram no vale do Nilo – e que influenciou tantos povos da África continental, num passado remoto.

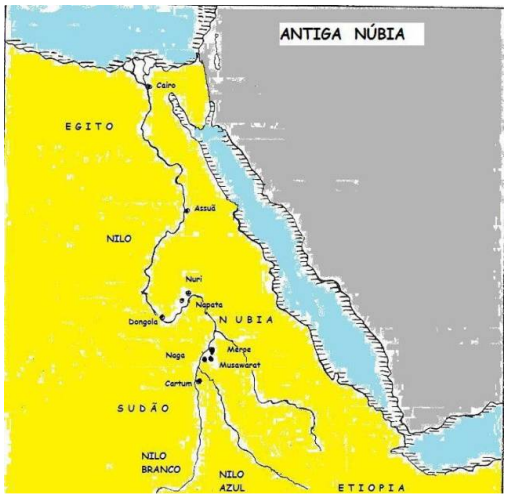
Contudo, para entender e respeitar as sociedades com culturas diferentes da nossa, é necessário que as conheçamos melhor. Então, o que você está esperando? Junte-se a esta caravana e sigamos, apesar da areia e das temperaturas escaldantes do imenso deserto do Saara, rumo às ruínas e vestígios do que um dia foi a grandiosa cidade de Meroe, além de outras estações do Império de Cuxe, ainda não devidamente exploradas, porém, consideradas preciosos objetos de estudos , na atualidade.

Boas descobertas!

ÁFRICA ANTIGA

NÚBIA

A região localizada atualmente entre o sul do Egito e o norte do Sudão foi denominada num passado bastante remoto de **Núbia**. Como existiam ali, minas de ouro em grande quantidade, os árabes chamaram este local de ***nuba***. Na escrita hieroglífica ***nub*** significa ouro. Daí a constituição do termo ***núbia*** = terra do ouro.



Fonte: Maria Cecília Magrineli – Ilustração 02

Suas fronteiras foram sempre imprecisas e suas divisões políticas bastante numerosas. Considerada, nos tempos antigos, um prolongamento do Egito, era caracterizada como um grande deserto, vivendo graças ao Nilo. Situada no nordeste da África e disposta ao longo do Nilo, a região em estudo, iniciava-se ao sul, a partir de Cartum, no encontro dos rios Nilo Branco e do Nilo Azul e terminava em Assuã, na Primeira Catarata , incluindo, também as áreas do deserto a leste, até o mar Vermelho e a oeste, até as áreas desérticas da Líbia.

A Núbia Antiga era habitada por povos nilóticos negróides (os gregos chamavam de Etiópia – ***aitho*** = queimado e ***ops*** = rosto – ao lugar da África onde as pessoas tinham a pele muito negra). Os egípcios deram o nome de **Ouaouat** para a Baixa Núbia e de **Cuxe** para a Alta Núbia.

Por milênios, a Núbia tornou-se um ponto de encontro entre os egípcios – e, conseqüentemente as civilizações do mediterrâneo – e os povos negróides da África Subsaariana.

A antiga Núbia tem um histórico de 45 séculos, divididos em dois momentos distintos. No primeiro período, os núbios foram dominados por civilizações externas, tornando-se periferias. Nesse tempo a documentação e os testemunhos são fartos.

Em contrapartida, o segundo período é constituído de pouquíssimas fontes, muitas vezes, chegando a serem reduzidas a hipóteses e relatos inexatos, escritos por cronistas clássicos, pois muito da escrita deixada pelos reinos núbios ainda não foi totalmente decifrado. A História da Núbia que nos propomos a pesquisar está relacionada ao segundo período, daí a necessidade das fontes históricas compostas pelo trabalho árduo de arqueólogos, cronistas e historiadores para a concretização deste trabalho.

Muitas construções arquitetônicas foram realizadas pelas sucessivas culturas que surgiram no decorrer dos séculos de história da Núbia: templos, fortalezas e monumentos diversos do reino de Cuxe são comuns no vale do Nilo.

No séc. XX, com a construção da Barragem de Assuã, no atual Sudão, muitas destas construções arquitetônicas foram tragadas pelo Lago Nasser. Grande parte delas foram salvas graças a um trabalho considerável de arqueólogos, técnicos e engenheiros que não mediram esforços para desmontar, remover e salvá-las das áreas de alagamentos. Brissaud (1979) relata que, hoje essas magníficas obras de arte estão dispostas no museu de Cartum, no Egito, na Polônia e em localidades mais altas do vale. Outras, porém, dormem sob as águas do Nilo.

Sobre a Núbia, existe muito o que pesquisar e estudar, pois grande parte de sua história, ainda não foi contada pelos estudiosos, que muito têm esforçado para decifrar, completamente, a escrita meroítica e poder relatar detalhes desta majestosa civilização que deixou suas marcas, no vale do Nilo. Contudo, é necessário, esperar que futuras pesquisas esclareçam fatos históricos, para que possamos estudá-los na íntegra, pois, atualmente, a história da Núbia é rica ou imprecisa em informações, conforme os períodos em estudos. Neste trabalho, vamos contemplar os acontecimentos referentes aos séc. VIII a.C. ao séc. II d. C.

Atividades

Após leitura do texto: Núbia, faça o que se pede:

1- Localize geograficamente o território dos núbios.

2- Qual é a origem e o significado de:

a- Núbia: b- Etiópia:

3- Trabalho em Grupo. Façam uma pesquisa na Internet e procurem saber:

a- Quando e como foi a construção da represa de Assuã. Qual era seu objetivo principal. Que impacto negativo ela proporcionou ao povo núbio.
b- Como deu-se o trabalho de salvamento dos sítios arqueológicos núbios, nos anos 60.
c- Façam um painel narrativo/ilustrado e apresentem a sua escola.

Os faraós negros... senhores de dois reinos

Recentemente, uma expedição arqueológica, composta por franceses e suíços, liderados por Charles Bonnet, pesquisadores da Universidade de Genebra, encontraram no norte do Sudão, uma cratera, contendo várias estátuas de ancestrais, lembranças dos faraós negros.

Na oportunidade, o chefe da expedição disse que aquelas estátuas encontradas eram de uma importância mundial. A cratera foi encontrada próximo a algumas ruínas, às margens do rio Nilo e ao que tudo indica, permanecera fechada por aproximadamente 2 mil anos.

As estátuas dos faraós negros continham os nomes dos reis gravados tanto na base quanto nas costas de cada uma delas. Uma verdadeira obra de arte, afinal eram esculturas de granito, ricamente esculpidas, lisas e brilhantes.

Mas...quem eram esses faraós negros? Qual é sua origem? Para decifrar esse mistério, vamos falar um pouco desses valorosos reis negros de origem núbia, que conquistaram e governaram por algum tempo o Antigo Egito? Pois bem, a Núbia, que se estendia pelo vale do Nilo, foi governada por uma série de faraós negros, há 2.500 anos. Esses faraós eram chefes políticos e militares de um vasto e poderoso reino denominado Cuxe, cuja prosperidade resultava do seu controle das principais rotas comerciais às margens meridionais do Nilo. Ele possuía um vasto campo para o cultivo de agricultura, a prática de pecuária e a mineração. Com isso, os faraós negros puderam impor seu poder militar – eram notáveis guerreiros – e estabelecer domínios políticos sobre os povos da vizinhança, especialmente o Egito, ao norte de seu território.

Durante cerca de 52 anos, os reis cuxitas governaram de maneira unificada a Núbia e o Egito, daí a expressão: “ senhores dos dois reinos”. Como já citamos

anteriormente, os gregos chamavam o povo de Cuxe de etíopes, que quer dizer: “rosto queimado”, por causa da negritude de sua pele.

Você deve estar se questionando: como é que aquelas estátuas dos faraós negros foram parar naquele fosso? Quem as colocou lá, deixando-as escondidas aos olhos da humanidade, por tanto tempo? Vamos decifrar esse enigma? Você já sabe, que todo império, não dura para sempre. Pois é, quando o domínio dos cuxitas sobre o Egito chegou ao fim, os egípcios trataram, rapidamente, de apagar grande parte dos vestígios deixados pelos faraós negros. A tal descoberta, evidencia esse fato. Prova disso, é que muitas das estátuas estavam violentamente destruídas, continham cabeças e pés esmagados. O pesquisador suíço Charles Bonnet, comentou, ainda que os egípcios, não contentes somente em conquistar o reino de Cuxe, tentaram aniquilar os seus monumentos, inscrições e esculturas, ou seja, os vestígios deixados por este povo guerreiro, que com muita bravura, reinou em seus territórios.

O reino de Cuxe existiu por aproximadamente um milênio, depois que seus líderes saíram do Egito, após terem sido dominados pelos assírios. Inicialmente, Napata, localizada próxima da montanha sagrada de Djbel Barcal, foi a cidade escolhida para capital dos Cuxitas. Com o passar do tempo, aproximadamente, no séc. VI a. C. Sua capital foi transferida para Meroe, uma região mais ao sul, perto da sexta catarata.

Fatores climáticos e econômicos podem ter sido a causa da transferência da capital do reino de Cuxe. Meroe ficava numa região composta de estepes e savanas, com isso, a agricultura e a pecuária era possível, devido às chuvas de verão, enquanto que Napata era cercada por desertos.

Os Cuxitas dominavam, no auge de seu poderio político, cinco séculos aproximadamente, entre os anos 300 a.C. e 200 d.C., grande parte do território norte e centro do Sudão Oriental e governavam até aos pântanos do Nilo Superior, no sul.

O comércio era largamente praticado pelos cuxitas, portanto, boas estradas ligavam os ativos portos do mar Vermelho com os territórios desse povo e muitos outros países estrangeiros. Um grande número de embaixadores cuxitas viajavam e negociavam com vários países da época. Na Bíblia é possível encontrar citações dos referidos funcioários negros. Negociavam com os faraós do Egito e por

intermédio deles, faziam intercâmbio comercial com povos do mediterrâneo, especialmente, gregos, romanos e palestinos.

A prática comercial com tantos países estrangeiros proporcionava uma troca cultural intensa. Os meroítas tanto influenciaram, trocaram e criaram, quanto absorveram muito da cultura dos povos indianos, chineses e egípcios. Entretanto, sempre foram cautelosos na proteção de sua independência e da sua própria cultura. A exemplo disso, podemos citar o hábito de fabricar cerâmica em estilo, talvez recebidos da China, através dos produtos recebidos nos portos; alguns templos eram modelados, tomando por base os moldes egípcios, sob o domínio dos gregos e romanos e a prática de esculpir a imagem do deus Apedemeque com duas cabeças e quatro braços, pode indicar a influência do estilo indiano extraídos de seus templos.O povo de Cuxe tinha orgulho de sua cultura, recebiam muitas coisas de alguns povos, contudo, inventavam muitas técnicas próprias. Através de suas negociações com povos tão distintos, os cuxitas espalharam sua influência por todo o vale do Nilo e região vizinha.

Atividades

1- Leia o texto: Os faraós negros ... senhores de dois reinos.

a- Responda: Quem eram os faraós negros? Por que ficaram conhecidos como faraós de dois reinos?

b- Explique por que razão as estátuas dos faraós negros foram enterradas num fosso pelos egípcios.

c- Os egícios danificaram as estátuas dos faraós negros. A estátua do rei Taharca foi encntrada com os pés, cabeça e nariz destruídos. Qual era o significado dessa prática egípcia? Comente.

Sucessão real... originalidade núbia

Os núbios tinham um jeito próprio para proceder a sucessão de seus reis. Diferente da regra egípcia, onde o poder passava de pai para filho, na Núbia, quando um rei morria, seu poder era entregue a seu segundo irmão, que governava de forma vitalícia. Na seqüência, o trono era passado para cada um dos irmãos sobreviventes. Terminado essa sucessão, o poder real era entregue ao filho mais velho de quem primeiro reinou, só depois, era retomado a linhagem de irmão para irmão. Maneira irreverente de escolher um rei, você não acha?

Mas, como nas regras existem algumas excessões, os núbios pensaram numa forma de assegurar o comando para pessoas com perfis mais indicados aos cargos de soberania. Era comum, na sequüência sucessória, um ou mais nomes serem desconsiderados, para dar lugar a pessoas mais amadurecidas e comprometidas com a política de seu reino. Formavam-se partidos e acirradas disputas eram travadas para a escolha do novo rei. Muitas vezes até guerra acontecia.

O novo rei era escolhido, ao que tudo leva a crer, pelos chefes militares, líderes de clãs ou linhagens, altos funcionários da corte e os sacerdotes de Amon. O candidato tinha que se apresentar no templo de Amon e ali este deus o tornava rei.

Um exemplo desse fato, foi a escolha do rei Taraca ou Taharca, parece que seus irmãos foram “passados para trás”, pois esse era o filho caçula de Peíe e tudo indica que mostrou, desde menino, uma aptidão fantástica para o governo de seu reino.

Atividades

1 – Pesquise e construa uma frisa cronológica, nela registre o nome dos faraós negros que governaram o Egito e a Núbia, durante a XXV dinastia, anote o tempo e o grau de parentesco entre eles.

2- Leia o texto, pesquise e faça uma narrativa histórica relatando como era a forma de sucessão real núbia. Destaque as semelhanças/diferenças na procedência de escolha dos reis entre os egípcios e os núbios.

Hapy.... o grandioso Nilo.... o rio-deus

Um homem alto e vigoroso, de pele queimada, solta um grito, repetido de boca em boca: " O rio!" Eis o Nilo, bordado de Oásis verdes, correndo majestoso num mundo mineral. Jean-Marc Brissaud

A cilização núbia surgiu a mais de quatro mil anos em meio ao terrível deserto do Saara, composto de areia e um calor escaldante. Como viver num ambiente tão impróprio à vida? A existência de um grandioso rio, cuja nascente provém do coração da África, atravessando toda a Antiga Núbia e o Egito é a explicação mais aceitável para justificar a sobrevivência desses povos numa região tão hostil.

Os antigos egípcios e núbios, por não conhecerem a origem do Nilo o chamavam de Hapy, que em egípcio significa rio-deus. A cheia desse rio é um benefício supremo para os camponeses que louvam o deus Hapy e dele esperam que a vida seja proporcionada, através da fecundação de suas terras.

O rio Nilo foi de extrema importância para o contato entre os povos nilóticos e desempenhou duplo papel. Além de trazer água e solo fértil do interior da África, as enchentes anuais do Nilo eram responsáveis pelo rejuvenescimento dos campos, contribuindo para a sobrevivência e riqueza dos moradores do vale até o Mediterrâneo Oriental. Também colaborou levando idéias, mercadorias e pessoas para o interior da África subsaariana. Muitos historiadores consideram que este rio perene, tornara-se um corredor econômico e cultural, onde homens, levando seus produtos e idéias circularam, estabelecendo relações entre si.

RIO NILO ... dádiva ou dinâmica?

Heródoto, historiador grego (séc. V a. C.) viajou muito e deixou decifrações e reflexões sobre os povos e as terras que visitou. Em suas notas sobre a África, especificamente sobre a Nilótica, afirmou que tanto o Egito quanto a Núbia é uma "dádiva do Nilo", frase que atravessou os séculos e ainda hoje está contida nos livros de História. Mas, será que Heródoto não teria cometido exagero ao atribuir tanta importância a esse rio? O Egito e a Núbia é uma dádiva do Nilo ou é fruto da organização e trabalho de seu povo? Tudo bem, que o Nilo atravessa todo o

território desses povos e que na época das cheias proporciona a fertilidade do solo e a irrigação das margens de suas terras áridas, servindo também como meio de transportes e atividade comercial entre os habitantes dessa localidade, contudo esse rio, freqüentemente gerava problemas. Era comum as tragédias provocadas por enchentes e inundações que assolavam plantações e populações ribeirinhas. Para solucionar tais problemas, foram necessárias práticas de trabalho coletivo e associações de cultivadores para domar as águas dos rios, garantir boas colheitas e a sobrevivência de todos. Leia o que Brissaud escreveu sobre este fato.

Texto 1

(...)

Os camponeses do Vale do Nilo, do Delta à Alta Núbia, têm constantemente necessidade de água. Constroem e mantém diques e canais de irrigação. É necessário dominar a inundação, drenar os canais, construir diques, proteger habitações, o que explica por que as tribos nômades do neolítico egípcio e núbio se tornaram sedentários. Os homens tiveram que se agrupar muito cedo em aldeias e aí fazer funcionar uma organização adaptada às suas necessidades.

BRISSAUD, Jean-Marc. **A civilização núbia até a conquista árabe**. Rio de Janeiro: Editions Ferni, 1978, p. 31.

Atividades

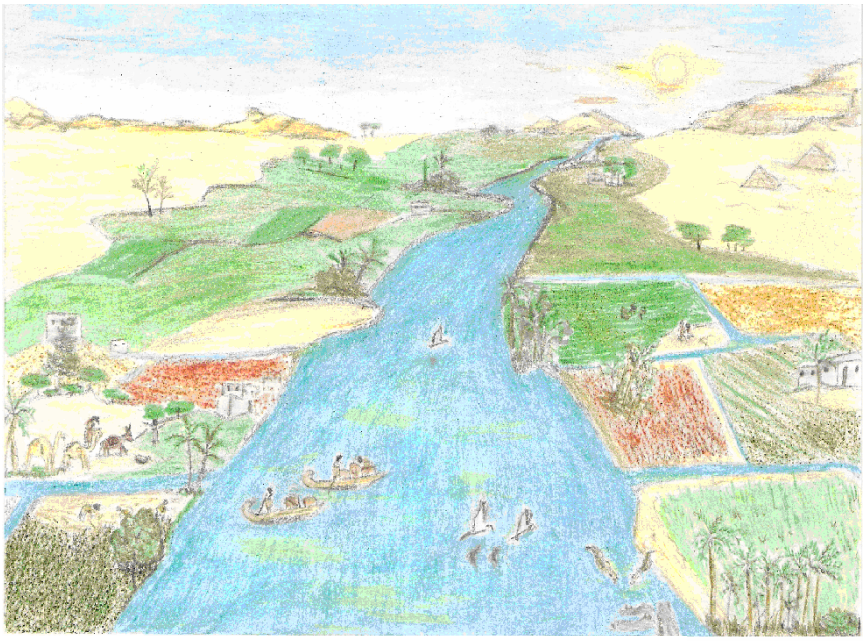
1- Na atualidade, apesar de toda a tecnologia, quando as enchentes chegam , as calamidades acontecem. Na Antiga Núbia elas eram aguardadas com muita alegria pela população. Agora reflita e opine: como pode um povo ficar feliz com a chegada das inundações?

2- As enchentes do rio Nilo criavam excelentes condições para a prática da agricultura, pois traziam fertilidade ao solo. O que as enchentes trazem, por onde passam, atualmente? Pense sobre isso e compare os efeitos das alagações provocadas pelas chuvas em excesso, na atualidade, com as enchentes na Antiga Núbia.

3- As inundações também destruíam plantações e habitações no Antigo Egito e Núbia. Para solucionar tais problemas, o Estado teve de se organizar para promover a segurança da população construindo grandes obras hidráulicas, que apesar de precárias tecnologias, eram capazes de controlar o rio, evitando

calamidades. Para prever a intensidade das cheias anuais, os egípcios inventaram o Nilômetro. Para irrigar as terras áridas, usavam a roda pérsica e o xadufe. O que você sabe sobre eles? Pesquise e comente os seus funcionamentos.

4- - Observe a imagem abaixo e responda:



Fonte: Alline Moro de Oliveira – Ilustração 03: Rio Nilo

a- o que se pode considerar como paisagem natural e paisagem transformada.

a- O que é possível contemplar nesta imagem? Faça um quadro e nele registre Que tipo de atividades praticadas pelos povos nilóticos podem ser observadas, nesta imagem.

b- Pela imagem podemos perceber dádiva ou dinâmica acontecendo no vale do Nilo? Justifique sua resposta.

Formatted: Bullets and Numbering

O rio São Francisco nasce no estado de Minas Gerais, atravessa vários estados brasileiros e deságua no Oceano Atlântico. Ele é comparável ao rio Nilo, pois assim como este, suas águas também inundam as terras marginais do semi-árido nordestino. É por esta razão, ele é conhecido como o “Nilo Brasileiro”.

Para desenvolver obras de irrigação, visando o melhor aproveitamento das terras áridas nas proximidades do rio São Francisco, o Governo Federal criou a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Faça uma pesquisa e responda:

1- A prática da irrigação é importante para o povo nordestino? Que vantagens essa técnica proporciona às culturas da região?
2- Os projetos desenvolvidos nessas áreas abrangem todo o decorrer do rio ou apenas parte dele?
3- Tais projetos dão oportunidades a toda população ribeirinha ou privilegia a poucos? Avalie as conseqüências desse fato.

Acompanhando os noticiários da atualidade, você verá que populações ribeirinhas de várias partes do planeta estão sofrendo prejuízos provocados pelo fenômeno das inundações. Verdadeiras tragédias humanas têm acontecido, inclusive, em países de economia desenvolvida. Como explicar que apesar da sofisticada tecnologia do mundo contemporâneo, os governantes e suas equipes não conseguem prever e controlar as enchentes, tirar proveito dessas condições naturais e acima de tudo, ofertar segurança à população?

E agora? Após as leituras, pesquisas e atividades realizadas, você concorda com a afirmação de Heródoto de que: O Egito e a Núbia é uma dádiva do Nilo? Ou eles são frutos da organização do Estado e do trabalho dinâmico dos seus povos? Pense um pouco e chegue a uma conclusão.

Egípcios X núbios... relações conflituosas

O contato entre Egito e Núbia é bastante remoto. O registro mais antigo desse contato foi encontrado numa placa de pedra, por volta de 2450 a.C., no reinado do faraó Sahure (período auge na história política egípcia). Nela se relata

uma expedição que voltava da África Negra, denominada de Reino de Punt, trazendo uma variedade de produtos de valores comerciais desta terra.

Vários historiadores consideram que a Núbia foi periferia dos egípcios por milhares de anos e que as relações entre eles sempre foram conflituosas, pois sempre houve interesses econômicos e políticos em jogo.

Heródoto, o grande historiador grego, tentou, pouco antes do ano 400 a. C., ver Meroe, a forte e bela capital do majestoso reino dos cuxitas e dar notícias dela à Europa. Contudo, teve de se contentar apenas com o que os sacerdotes de Elefantina, uma ilha do Nilo, puderam lhe contar sobre as maravilhas desta cidade. Mas por que Heródoto não pôde ir pessoalmente conhecê-la? Sendo tão curioso, como pôde contentar-se apenas com meia dúzia de respostas dadas pelos sacerdotes? É realmente lamentável, mas o fato é que naquele momento histórico, as relações entre egípcios e cuxitas estavam cortadas. Um sério conflito ocorria naquela região e as estradas estavam interditadas. Sendo assim, Heródoto não pôde conhecer pessoalmente a magnitude de Meroe.

Essa realidade, ainda hoje não mudou. Com muita freqüência, é comum os meios de comunicações noticiarem atos de violência, protestos e seqüestros praticados entre os moradores de fronteira e regiões desérticas, entre o sul do Egito e o norte do Sudão. Veja esta reportagem divulgada recentemente:

Texto 2

Seqüestradores soltam 19 turistas no Egito

São Paulo- Seqüestradores libertaram os 19 reféns feitos no Egito, entre eles turistas estrangeiros, e todos estão saudáveis, afirmou ontem o chanceler egípcio, Ahmed Aboul Gheit. Os turistas, identificados como cinco italianos, cinco alemães, um romeno e oito egípcios, visitavam uma remota região do deserto em área de fronteira, segundo autoridades.

(...)

O ministro do turismo, Zoheir Garrana, disse que os reféns haviam sido levados para fora do país. Acredita-se que os turistas foram seqüestrados na sexta-feira durante safári perto das fronteiras entre o Egito, Sudão e Líbia. (...)

A agência estatal Mena disse que o grupo havia passado a noite de 16 de setembro em um hotel no oásis Dakhla, antes de seguir para a reserva de Gilf al kebir. Eles deviam chegar a outro oásis no sábado para terminar o passeio, o que não ocorreu.

Gilf al Kebir, a área onde os turistas foram seqüestrados, atrai viajantes com paisagens do deserto que incluem uma enorme cratera e a Caverna dos Nadadores, cujas pinturas pré-históricas ficaram famosas com o filme " O paciente Inglês" (1996).

Garrana disse à TV egípcia que os seqüestradores "provavelmente" eram sudaneses. (...)

Ataques contra turistas no Vale do Nilo, no Egito, e nos desertos ao redor, se tornaram raros nos últimos anos. No entanto, uma série de bombardeios contra turistas foi realizada em resorts da península do Sinai entre 2004 e 2006.

Folhapress. Seqüestradores soltam 19 turistas no Egito. Folha de Londrina 23/10/08, p. 8.

Leia o texto a seguir:

Texto 3

Núbios acusam Governo sudanês de querer inundar a sua "civilização"

(...)

Não são africanos nem são árabes, são núbios, uma das mais antigas civilizações africanas. É desta forma que os autóctones da Núbia – região que se divide entre o Norte do Sudão e o Sul do Egipto – se consideram.

(...) a Núbia vive momentos conturbados, ameaçando tornar-se no terceiro foco de conflito interno no Sudão – o primeiro foi no Sul, que se prolongou por mais de 20 anos, e o segundo a Oeste, na região de Darfur, que eclodiu em 2003 e ainda se mantém.

Na origem do descontentamento dos núbios está a mesma razão que esteve por detrás dos outros dois conflitos referidos: discriminação e marginalização das gentes locais por parte do Governo central, dominado por uma elite muçulmana.

(...)

Uma das medidas prende-se com a intenção do Executivo de construir duas ou três barragens para produção de eletricidade numa zona do rio Nilo, precisamente no centro da Núbia. Obras desta envergadura obrigam necessariamente à deslocação de vilas inteiras e à destruição de alguns locais de importante valor arqueológico. "Eles querem-nos separar das nossas raízes e inundar a Núbia e toda a sua história", disse ao jornalista do *Los Angeles Times*, Sharif Adeen Ali, de 53 anos, um agricultor da aldeia de Sebu.

GUERRA, Alexandre. Núbios acusam Governo sudanês de querer inundar a sua "civilização". O Diplomata, 31/08/2007
< http://odiplomata.blog.com/2048673/> acesso: em 21/10/08

Você sabia que na Antiga Núbia, embora tendo a agricultura como base da economia, parte da população morava nas cidades? Isso mesmo! Mas...então, como eram essas cidades? Como surgiram? As cidades núbias têm sido objeto de estudos dentre arqueólogos, historiadores, arquitetos, geógrafos.., enfim, vários profissionais estão dedicando atenção exclusiva para conhecer as características próprias dessas cidades, descobertas em várias localidades, através de vestígios deixados pelas pessoas que ali habitaram em tempos remotos.

Ruínas e vestígios de várias cidades núbias foram detectados pelos pesquisadores, dentre elas podemos citar: Pnubs, Naga, Cartum, Dongola, Napata, Atbara, Meroe, Soba, ES-Sofra, Mussaurat, entre outras. Napata e Meroe são duas cidades que merecem destaque e estudo, afinal são provas da existência do reino de Cuxe e da relevante atuação dos seus reis negros, no vale do Nilo. Vamos conhecer algumas particularidades de cada uma delas? Vejamos:

NAPATA: centro comercial e religioso

Próximo à Quarta Catarata do rio Nilo, na época da XVIII Dinastia egípcia, existia um pequeno núcleo de povoação denominado Napata. Um simples posto de fronteira, que de povoado tornou-se uma cidade caravaneira, ou seja, nessa região encontravam-se várias caravanas de comerciantes que levavam seus produtos, em lombo de camelos, dromedários ou burros, do sul da Núbia e das terras vizinhas até o Egito e vice-versa. Napata era um ponto de partida da produção aurífera das minas núbias, para as demais localidades do vale do Nilo até o mar Vermelho. Onde existiu Napata, atualmente encontra-se a cidade de Merowe (não confundir com a antiga Meroe – a grande cidade da Antiga Núbia). Da antiga cidade de Napata não resta muita coisa, além das ruínas do templo de Taharca, a capela de Aspelta, o Jebel Barcal e as necrópoles de Nuri e Kurru.

Apesar de ser importante centro comercial, capital de Estado, pólo de atração e chegada de muitos grupos humanos, vindo de distintas regiões – por se tratar de área fronteiriça – Napata parece ter sido, acima de tudo, um grande centro

religioso. Na montanha sagrada de Jebel Barcal, foi construído o majestoso templo de Amon e por essa razão, havia uma grande peregrinação de fiéis que visitavam com grande freqüência o santuário. Isso muito contribuiu para o crescimento populacional e o prestígio político da cidade, pois vários reis viveram e foram inumados nessa cidade. Reis que viveram e foram inumados em Napata? Que história é essa, você deve estar se questionando, não é mesmo? Pois bem, leia no texto 1, o que a historiografia relata sobre esse fato:

Texto 4

(...) os primeiros reis de Napata teriam por antepassados um ramo de chefes autóctones, que se fortaleceu e se impôs aos demais. Muitos dos nomes que desses reis sabemos eram núbios. E as imagens que nos deixaram, em seus monumentos, revelam indivíduos de traços negróides: de pomos da face salientes, nariz largo, lábios grossos. Seus túmulos mais antigos eram domos de pedra e terra, que recobriam covas em que o morto estava de lado numa cama, os joelhos fletidos, a cabeça voltada para o norte (...). Não faltava ouro nessas sepulturas.

Nelas não se viram sacrifícios humanos, muito embora esses reis fossem provavelmente do tipo divino, senhores de um poder enorme sobre os seus e sobre aqueles que submetiam, (...).

Os túmulos mais antigos eram em forma de domo. Estes domos viram-se, posteriormente, revestidos de argamassa e grés, e passaram a ter, colada a cada um deles, pequena capela funerária, e a ser cercados por muro em ferradura, aberto para o oriente. (...) Não tardou muito, porém, para que os modelos egípcios começassem a impor-se. O mastaba, ou sepulcro em forma de pirâmide truncada, passou a receber o corpo do rei, que se deitava, de início, à maneira tradicional núbia, com a cabeça a apontar o norte, e os pés, o sul. A partir de certo momento, a posição se altera: o cadáver é posto de leste a oeste, no rumo do sol.

Sob domos e mastabas enterraram-se em Kurru cinco gerações de reis de Napata, cujos nomes não guardamos, e Alara, o grande chefe, o "filho de Rá", e seu sucessor Cáchita (que mandou entre 806 a.C. e 751 a.C.). o filho deste, Pianki ou Peie – como alguns preferem ler -, talvez já tenha sido inumado sob uma pirâmide. Embora o que resta na superfície não nos permita a certeza de que ali houve mais de que simples mastaba, da cova sobe uma pequena escadaria subterrânea na direção leste, tal como se repetiria nos monumentos funerários posteriores, todos em forma de pirâmides.

Comparada às do Antigo Império egípcio, essas pirâmides são pequenas. A maior delas, a de Taraca, em outro cemitério, o de Nuri, tem na base apenas 29m de lado, enquanto a de Quéops apresenta 228 metros. As do campo-santo de Kurru, ainda menores, mostram lados que poucas vezes ultrapassam os nove metros. São pirâmides pontiagudas: bastante altas em proporção à base do que as do Antigo Império. (...)

Em Kurru sepultaram-se também Xabaca, Xabataca e Tenutamon ou Tenutamani. E dezesseis rainhas, em áreas separadas do cemitério e em seus túmulos menores. E 24 cavalos que puxavam os carros reais. Foram enterrados de pé, com seus arreios, a cabeça voltada para o sul. (...)

Nuri abriga dezenove reis e 53 rainhas. Suas pirâmides, em vez de terem, como as de Kurru, os lados lisos em rampa, os apresentavam na forma de degraus estreitos e baixos. Estão todas em ruína. O arenito macio de que foram feitas rende-se facilmente à erosão.

(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996 1996. p. 108-111).

Atividades

1- Leia o texto 4 e faça uma lista de palavras cujos significados sejam desconhecidos para você e forme um glossário em seu caderno

2- Anote as idéias principais de cada parágrafo.

3- Estabeleça semelhanças/diferenças entre as pirâmides núbias e as egípcias.

MEROE: centro agrícola, mineiro e comercial

Meroe, no início, era apenas uma aldeota de cabanas cobertas de sapé. Em meados do séc. VIII a. C., tornou-se cidade habitada por pessoas, que provavelmente tenham mesclado com outras que vieram do norte, em busca de terras férteis.

No início do séc. III a. C., Meroe já era uma grande cidade habitada por vários de seus reis. Erguia-se à margem direita do Nilo, numa estepe hoje chamada Butana. Nas amplas estepes e savanas de Meroe era possível encontrar muitas áreas verdes, abrangendo acácias e florestas e com elas a existência de muitas chuvas e condições climáticas favoráveis à agricultura e fauna composta de leões, elefantes, leopardos e avestruzes.

Estava situada a alguns quilômetros de Cartum, perto da atual cidade de Shendi. A mais antiga referência que se coece de Meroe é uma estela encontrada em Kawa, dando notícias de reis cuxitas.

Estava situada a alguns quilômetros de Cartum, perto da atual cidade de Shendi. A mais antiga referência que se conhece de Meroe é uma estela encontrada em Kawa, dando notícias de reis cuxitas.



Fonte: Sonia Ortiz da Cunha – Fotografia 01: Acácia

Devido à escassez de documentos escritos, o pouco que se sabe sobre Meroe decorre do estudo de vestígios de construções como cemitérios, templos, casas, palácios e estelas que são objetos valiosíssimos, para a pesquisa de arqueólogos, que muito tem contribuído para reconstruir fatos do dia-a-dia dessa gente africana.

Vários fatores contribuíram para que Meroe tornasse um grande centro urbano, dentre eles, a menor aspereza do clima e do solo e a pequena distância da rota de caravanas que ligava Meroe a Napata. Esse caminho tornou-se mais freqüente, pois, como já dissemos, encurtava bastante o trajeto e com isso, permitia uma economia tempo e menores gastos nas viagens de negócios.

Meroe lucrou muito com o desenvolvimento do comércio com o mar Vermelho. Tornou-se um grande império de produtos africanos que chegavam das montanhas etíopes, do Níger, do Dafur e do Chade. As mercadorias chegavam passando de mão em mão, de tribo em tribo. Não há registros de que fossem muito longe buscá-las. Os escravos também eram trazidos e vendidos para terras distantes, para evitar que fugissem e retornassem a sua terra de origem.

Meroe acolheu as mais diversas influências: gregas, romanas, sírias, árabes, persas, indianas e especialmente, as egípcias. Eram curiosos por tudo que fosse estrangeiro. Dentre os artigos de exportação é possível que elefantes fossem comercializados para a guerra e cerimônias pomposas. Acredita-se que os próprios meroítas teriam descobertos sozinhos como domá-los ou aprendido isto com os asiáticos. Da Índia ou Arábia teriam aprendido fazer reservatórios e açudes de pedras.

A metalurgia do ferro também contribuiu para a fama de Meroe. Não é possível datar com precisão quando ela teve início naquela região. Sabemos que o referido metal foi trabalhado em pequena escala em Meroe, entre os séc. VII ou VI a. C., houve aumento no séc. IV a.C.e em maior escala somente em meados do séc. I a.C. Avivado por foles e usando pequenos fornos cilíndricos, o ferro era reduzido e transformado nos mais variados produtos de uso entre os habitantes desta sociedade.

Ignora-se quando Meroe passou a ser o centro do poder (residência real) . Heródoto, pouco antes de 430 a.C., referiu-se àquela cidade como capital do reino dos núbios.

Desde meados do séc. VI a.C. um grande número de rainhas foram enterradas em Meroe. Tudo indica que pertenciam ao reino meroíta, pois, segundo a tradição dos núbios, raramente se admitia, um sepultamento fora de sua terra natal.

Muitos reis governaram Meroe, porém, nem todos deixaram registros de sua existência. De alguns ficaram inscrições apenas de louvor a seus reinados. Tudo o

que foi escrito em grego, em demótico ou em hieróglifos egípcios, pode ser lido, contudo, o que foi grafado no idioma meroíta, ainda não está decifrado.

Arcamani foi provavelmente, o primeiro rei a ser enterrado em Meroe. Antes eram inumados em Nuri ou em Jebel Barcal, sob as pirâmides no deserto, a oeste do templo de Amom.

Historicamente, sabemos que todo império tem seu início, conhece um período de auge, e... um dia conhece sua decadência. E o fim de Meroe, você sabe como foi? Leia sobre como a historiografia explica como isso se deu.

TEXTO 5

(...)

Entre as ruínas monumentais de uma civilização, hoje espalhadas pelo chão na ilha de Meroe, enormes montes de escórias testemunham a escala de produção de ferro que alimentou a sua ascensão e, por fim acabou por provocar a sua queda no séc. II d.C. A alteração nos padrões do comércio na região do mar Vermelho pode ter apressado o declínio, mas a degradação ambiental já tinha tornado a sua queda inevitável. As árvores para alimentar as fornalhas da fundição do ferro tinham sido abatidas com grande rapidez, sem dar o tempo necessário para o crescimento de árvores novas. A desflorestação conduziu à erosão e à perda do solo arável. Uma região que tinha apoiado durante milhares de anos prósperas populações agrícolas não podia continuar a ser cultivada.

(...)

(Reader, John. **África, biografia de um continente**. Lisboa: Publicações Euro América, 2002 (org. 1997), p.210)

TEXTO 6

(...)

Muito pouco sabemos acerca dos últimos séculos de Meroe. Provavelmente, não era fácil controlar as vias de caravanas entre o vale do Nilo, o mar Vermelho e a savana nilo-chadiana – base econômica do império. As pirâmides reais passaram a ser cada vez menores e mais pobres, e a raridade de objetos egípcios e mediterrâneos indica uma ruptura com as influências exteriores, causa ou conseqüência da decadência.

Os meroítas que sempre haviam vencido as incursões de tribos nômades, se tornaram presas tentadoras para seus vizinhos; os Axunitas ao sul, os nômades Blemmyes a leste, e os Nubas a oeste. É, provavelmente a esses últimos, citados pela primeira vez por Eratóstenes em 200 a.C., que se deve atribuir a queda do Império meroíta.

(LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07, 1979, p.57)

Atividades

1- Construa um quadro e nele anote as informações relevantes das cidades de Napata e Meroe:

Origem - localização - base econômica - regime político - posição de destaque.

2- Após elaboração do quadro, analise-o e estabeleça as diferenças/semelhanças entre as duas cidades.

3- Leia os textos 5 e 6 e escreva uma narrativa histórica destacando os fatores que provocaram a decadência do Reino de Meroe.

Soldados núbios... temíveis guerreiros!

A bravura e a ferocidade dos exércitos núbios podem ser comprovadas através da observação de alguns textos bíblicos, em baixo-relevos, nos escritos árabes e nas inscrições de estelas que relatam o quão temível e respeitável eram os soldados negros etíopes.

Você sabia que é possível encontrar narrativas bíblicas referentes aos etíopes como valentes guerreiros? Isso mesmo! Existem várias escrituras onde os etíopes ou núbios são referenciados como um povo orgulhoso, forte, guerreiro e temível pelo mundo inteiro (Is. 18.21; 2Cr 14.8-9). Para os antigos israelitas, os soldados núbios eram homens belos, possuidores de alta estatura, pele lisa e lustrosa e com força proporcional ao seu porte físico. No séc. VIII a.C. o profeta Isaías refere-se a eles como diplomatas e mensageiros, que estariam numa missão de conseguir a união de Judá para a realização de uma rebelião, cujo objetivo era controlar o poder e o domínio dos assírios sobre o Oriente Médio. O profeta Jeremias (13.23) compara os etíopes com um leopardo feroz. Segundo ele os guerreiros negros eram tão temíveis e velozes quanto esse animal.

Os árabes também fizeram relatos do temor e da fama da cavalaria e dos arqueiros núbios. O cronista AL-Baladuri escreveu sobre a rapidez, a pontaria e a eficácia de seus ataques. Eram conhecidos como “os destruidores de pupilas”, pelo fato de procurarem acertar, sobretudo os olhos dos inimigos. Eram notáveis cameleiros e utilizavam seus cavalos com muita habilidade, para atacar, perseguir ou fugir dos inimigos, com grande velocidade. Sabiam usar o deserto, tirando dele o

maior proveito possível, utilizavam-no como base para inscursões eficazes, muito adentro da linha do inimigo ou como refúgio.

Na cidade de Meroe, num templo dedicado ao Sol, existe uma inscrição na parede, onde é possível verificar numerosos soldados negros, fazendo uso de armas de ferro e em condições de extrema superioridade militar, ao que tudo indica , tratava-se de núbios guerreiros. Nela pode-se visualizar cativos amarrados aos cotovelos e soldados massacrando prisioneiros e seres humanos (mulheres e crianças), além de gado levado como butim. Em Jebel Queili foi encontrada uma inscultura onde grandes quantidades de cativos são vistos sob os pés do rei e outros sendo lançados do alto de penhascos.

Você deve se recordar que a XXV dinastia de reis egípcios é constituída por faraós negros. Pois bem, em 725 a.C., Pianki iniciou uma grandiosa campanha militar rumo ao norte do vale do Nilo, chegando até o mar Mediterrâneo. Após sua vitória, o Egito foi unido ao Império de Cuxe. Pianki tornou-se, então, o faraó dos dois reinos. As façanhas das batalhas desta campanha militar foram registradas numa estela de granito rosa, construída em Napata, no templo de Jebel Barcal, a pedido de Pianki. Nela foi inscrito um dos mais longos e detalhados textos, descrevendo cenas bélicas da vitória desse rei e seu temível e preparado exército, que utilizava numerosas embarcações, armas de ferro e cavalaria em larga escala. Os cuxitas tinham um amor extremo por seus cavalos. Existe o relato de uma grande bronca de Pianki sobre seus soldados, logo após a conquista de Hermópolis (no Egito), pois, na visita do rei ao estábulo, este constatou que os referidos animais mal possuíam o que comer.

Atividades

1- Leia o texto: Soldados núbios... temíveis guerreiros. Pesquise e escreva em seu caderno:

a- Duas citações bíblicas onde os soldados núbios são consideradosvalentes guerreiros.

b- A bronca que Pianki deu em seus soldados, quando verificou que os cavalos não estavam sendo bem alimentados, após a conquista de Hermópolis.

CANDACES... majestosas rainhas guerreiras

A atuação das mulheres na vida social e política é evidente na maioria das sociedades atuais. As mulheres núbias da Antigüidade também desempenhavam papéis relevantes na vida política de seu povo.

Você sabia que em Meroé elas governavam com soberania e bravura? Isso mesmo! O sistema de realeza foi adotado no Reino de Kush. Entre o séc. VIII a.C. e IV a.C., esse reino núbio conheceu um período de grande estabilidade e continuidade de dinastias, conquistando, dessa forma, grande prosperidade e respeito perante os demais reinos do vale do Nilo.

Vale a pena lembrar que as tradições matrilineares praticadas na África por diversos reinos, também aconteciam em Meroé. Existem vários indícios de que as mulheres de sangue real desempenhavam várias funções e ocupavam cargos de liderança no reino. Dentre essas funções vamos destacar o papel das sacerdotisas do Templo de Amon e o cargo de rainha-mãe ou candace.

Ser sacerdotisa do deus Amon na sociedade núbia significava ser muito mais do que princesa; era ser uma verdadeira soberana espiritual. Ser consagrada ao culto de Amon era tornar-se esposa desse deus e adepta do celibato. Depois da morte, figurava entre os deuses e seria representada sob a forma de esfinge real. Esse costume passou a ser adotado, após a instalação da XXV dinastia. Quem ocupasse essa função teria a realeza do Duplo País e o seu trono deveria ser honrado por todos. As mulheres núbias que desempenharam essa função foram: **Amenirdis** I, irmã de Pianki, **Chepemipet II**, filha e Piank e **Amenirdis II**, filha de Taharca.

Através da iconografia podemos constatar várias inscrições que podem confirmar a existência da função de rainha-mãe. Mas qual era a importância desse cargo? Ser rainha-mãe em Meroé significava participar do poder político escolhendo um novo rei, que poderia ser seu filho ou esposo e auxiliá-lo em seu governo.

Com o passar do tempo, essas rainhas-mães, assumiram o poder político. Autoproclamaram-se soberanas do Reino de Cuxe e adotaram para si o título real de “Filha de Re, Senhora das Duas Terras” ou “ Filha do Re e Rei”. Na época greco-romana, muitas delas tornaram-se celebridades e governaram Meroe com bravura e astúcia. Adotaram o título de candaces ou rainhas-mães reinantes.

Candace é um título derivado da palavra meroíta ***KTKE*** ou ***KDKE***, cujo significado é rainha-mãe.

Você pode obter mais conhecimentos sobre o papel das mulheres reais em Meroé lendo os textos que a historiografia nos proporciona:

Texto 7

(...) Durante o domínio cuxita no Egito, a função de grande sacerdotisa do deus Amon em Tebas era desempenhada pela filha do rei, o que lhe conferia grande influência econômica e política. Mesmo depois da perda do Egito e da conseqüente desaparição dessa função, as mulheres de estirpe real continuaram a ocupar postos muito importantes entre os sacerdotes dos templos de Amon em Napata e em outras localidades, e a exercer considerável poder.

(...)

(Hakem, Ahmed. Quando as mulheres reinavam em Meroe. **Correio da Unesco**: vol. 07,1979, p. 59).

Texto 8

(...)

O reinado da rainha Shanakdakhete (cerca de 170 a 160 a.C.) parece ter sido um período de afirmação do poder de um matriarcado tipicamente local. Num edifício dedicado ao nome da soberana, em Naga, estão gravadas inscrições em hieroglíficos meroíticos que se contam entre os mais antigos de que se tem notícias. (...)

(...) Duas rainhas tiveram na época especial destaque: Amanirenas e Amanishakento. Seus maridos foram figuras apagadas, e nem sabemos o nome de quem se casou com a segunda. Durante alguns anos, o trono foi ocupado por um rei, que até então fora o Príncipe Akinidad, filho da Rainha Amanirenas e do Rei Teriteqas. (...) Ambas tinham o título de Candace, transcrição do título meroítico Kdke na traição dos autores clássicos.

(...) Os nomes de Akinidad e da Rainha Amanishakento estão inscritos no templo T em Kawa, e acredita-se ter pertencido à rainha um palácio descoberto há poucos anos em Uad em Naga, bem próximo ao rio. Sua sepultura na necrópole norte de Meroe é de grande beleza. Sua pirâmide, precedida a leste pela capela e pela entrada monumental tradicionais, é uma das mais imponentes da antiga cidade. Em 1834, o aventureiro italiano Ferlini apoderou-se das jóias de extremo luxo que são hoje a glória dos museus de Munique e de Berlim.

(LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07,1979, p. 56).

Texto 9

(...) E as tradições matrilineares, que nunca se haviam apagado – como o demonstra o prestígio das rainhas-mães ou candaces - , tornaram-se mais fortes. Várias mulheres ascenderiam ao poder e se fariam retratar, de ancas largas, gordas e energéticas, com uma túnica franjada, tão pouco egípcia, a cair do ombro direito, cheias de colares e enfeites, verdadeiros marimachos a combater à frente dos exércitos, a presidir ao culto, a espairecer na caça. (...)

(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p.127).

Texto 10

Candaces

Majestosa África
Berço dos meus ancestrais
Reflete no espelho da vida
A saga das negras e seus ideais

Raiz da criação
Do mito a história

Encanto e beleza
Seduzindo a realeza

Candaces mulheres, guerreiras
Na luta...justiça e liberdade

Rainhas soberanas
Florescendo pra eternidade (bis)
Novo mundo, novos tempos
O suor da escravidão
A bravura persistiu
Aportaram em nosso chão

Na bahia, alforria
Nas feiras tradição
(...)
SALGUEIRO 2007 – "Candaces"

Composição: Dudu Botelho, Marcelo Motta, Zé Paulo e Luiz Pião

(http://letras.terra.com.br/salgueiro-rj/810871/; Acesso em: 03 set. 2008)

Atividades

1- Leia os textos 7, 8, 9 e 10:

a- Anote as palavras cujo significado seja desconhecido, pesquise o significado e faça um glossário em deu caderno;

b- Resuma as idéias essenciais de cada texto.

c- Construa um quadro e registre nele suas conclusões referentes a: autoria – natureza do texto – época – personagens históricos representados – conteúdo – contexto em que foi escrito;

d- Informe-se e elabore uma síntese biográfica dos autores dos textos.

2- Trabalho em Grupo.

a- Interpretem os trechos que mais lhes chamaram a atenção no samba enredo Candaces. Comparem estas informações com as relações de poder e cultura manisfestadas no papel da mulher no reino de Cuxe, do séc. VIII a.C. ao IId.C. Conforme os textos acima.

b- Escrevam uma narrativa histórica comparando as diferenças/semelhanças entre os diferentes papéis assumidos pelas mulherres núbias e a atuação da mulher na vida política brasileira, na atualidade.

c- Segundo o samba enredo, candaces são mulheres guerreiras, que lutam por justiça e liberdade. Façam uma pesquisa e referenciem algumas personagens brasileiras de origem afro-brasileira, que podem ser consideradas candaces, pelo papel de destaque ou ações que desempenharam/desempenham na sociedade brasileira. Confeccionem um painel narrativo ilustrado e apresentem a sua turma, para a socialização das informações obtidas.

Santo Deus... quantos deuses!

Atualmente, vivemos numa sociedade em que governo e religião são coisas distintas. No Egito Antigo, essas duas coisas estavam intimamente ligadas, ou seja, o faraó era autoridade, tanto política como religiosa. O dinheiro dos impostos tinha que ser suficiente para manter as despesas do Estado e dos numerosos templos e sacerdotes. Os faraós, portanto, eram considerados deuses. A suposta origem divina dos monarcas servia para legitimar seus poderes políticos. Opor-se aos faraós significava cometer um sacrilégio, pois tal atividade, era sinônimo de desacato aos próprios deuses.

Os antigos núbios, assim como os egípcios, eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses, e praticamente cultuavam as mesmas divindades. Um mesmo deus podia ter nomes e aparências variadas, conforme a região e o período histórico. Alguns destes eram representados com formas humanas. Outros com cabeça de animais e corpo de humanos, ou seja, eram antropomorfos. Era

comum a adoração de animais, dentre eles, podemos citar o gato, o crocodilo, o carneiro, o leão, o elefante e outros. Vale ressaltar que alguns animais pré-históricos como as girafas, por exemplo, e outros mais tardios como galo e cavalos não figuravam no panteão animal divinos dos núbios.

Entre as várias divindades núbias podemos citar:

- **Dedun** – "Senhor da Núbia", conhecido como o deus do Sul e fornecedor de incenso. Muito venerado pelos núbios.

- **Amon** – O deus sol. O deus supremo, representado ora antropomórfico, usando na cabeça o modius de altas plumas, ora com cabeça de carneiro.

- **Osíris** - Era o juiz dos mortos. Deus da morte, mestre da vida e da eternidade. Herói de muitas lendas.

- **Ísis** – Deusa querida por todos os núbios, venerada no templo de File. Trazia na cabeça um disco e uma cornadura de vaca, está sempre associada a Osíris.

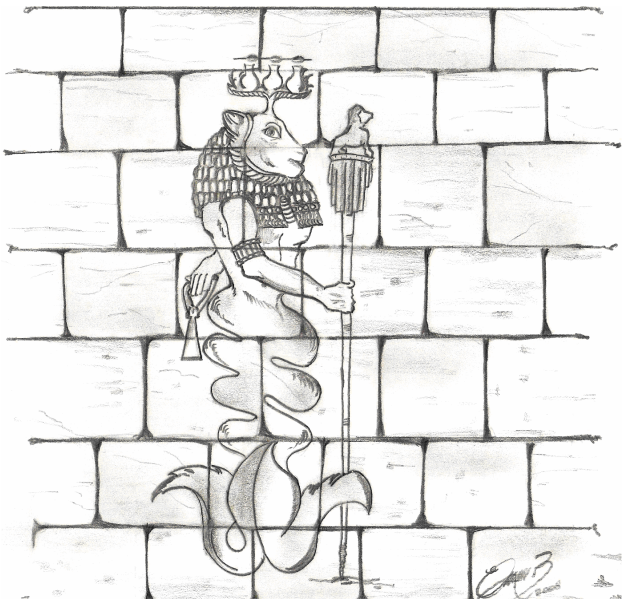
- Hórus – Representado com cabeça de falcão e corpo de homem. Filho de Osíris e Ísis. Deus reinante sobre os vivos.

- Upuaut- O deus-cão explorador de assiut a Kuban

- Bes- O deus senhor de Punt, assim considerado por trazer a deusa Hathor para o convívio dos núbios.

- Thot- o senhor da cidade de Pnus.

- Apedemeque – representado com corpo de serpente a emergir de uma grande flor, tendo braços e peito humanos e cabeça de leão. Divindade protetora dos exércitos meroítas. Sua imagem foi perfeitamente gravada em uma pilastra do Templo do Leão construído em fins do séc. I a.C., em Naga (no atual Sudão). Conforme a figura.



Fonte: Elton John Beraldi – Ilustração 04: Apedemeque

- Arensnúfis- o deus bem vindo, era adorado em Filas.

- Mandúlis- era um deus menino e um deus-filho solar que aparecia sob duas formas: de Mandúlis criança e Mandúlis adulto, os dois tinham a aparência de falcões coloridos.

- **Min –** Deus protetor dos pesquisadores do ouro

- **Sebiumequer –** Deus orientador e antropomorfo com a dupla coroa. Divindade guerreira, por vezes, leontocéfala.

- Bastet – Deusa protetora das grávidas. Era representada com corpo de mulher e cabeça de gato. Havia crença de que protegia as pessoas das doenças e dos demônios.

Uma estátua de homem com cabeça de elefante e imagens desses animais encontradas em várias inscrições, por toda parte, fizeram supor que em Meroe se adorassem um deus personificado por este animal, entretanto, não existe registro de seu nome. Isso fez com que alguns historiadores e arqueólogos concluíssem que influências indianas possam ter chegado até aquela região. Tudo leva a crer que as relações comerciais marítimas em todo o norte do Oceano Índico e as rotas freqüentes dos navegantes que se estendiam pelo mar Vermelho, tenham proporcionado um intenso contato entre esses povos localizados em continentes distintos.

Num dos muros internos do Templo do Leão, em Naga, foi encontrado um relevo muito surpreendente, pois o mesmo era diferente de todas as convenções artísticas egípcias. Nele continha a figura de um deus barbudo, de frente, olhando para quem ali chegasse. Ao que tudo indica, seria Júpiter Sarapis, mas, como não ficou registrado seu nome, portanto, não se sabe ao certo de quem se trata. Da tradição greco-romana, parece ter sido derivado esse desenho. Diante disso, pode-se levantar hipóteses que evidenciem o contato entre antigos núbios e europeus oriundos do mar Mediterrâneo.

Atividades

1- Leia o texto, pesquise e organize um quadro contendo as principais divindades do panteão meroítico. Anote quais eram suas atribuições, como eram representados e que outras denominações possuíam.

2- Escreva uma narrativa histórica sobre a influência religiosa de povos de outros continentes em Meroe.

Templos núbios... moradas divinas

Em Meroe foram construídos vários templos de adoração às principais divindades núbias. Vamos conhecer alguns deles?

Um templo erguido à deusa Ísis foi descoberto, ao norte da atual aldeia de El-Deragab. As ruínas revelaram que esse santuário era composto de dois edifícios sucessivo e superposto. Duas pequenas representações dessa deusa foram encontradas no seu interior.

Próximo da cidade de Hambad foi encontrada uma capela, provavelmente dedicada à deusa Ápis. Duas estelas escritas em letra cursiva, dão informações sobre os reis Amanirenas e Aquinidade.

Sob um monte de escória, a aproximadamente 2 km, a sudeste de Meroe foi construído o Templo do Leão, em honra a Apedemeque. Ele era formado de duas pequenas salas, tendo dois leões de pedra apostos na sua entrada, era murado com pedras decoradas com cenas variadas em seus baixos-relevos.

O Templo do Sol foi outro santuário encontrado a menos de 2 km a leste de Meroe. Nele adorava-se o grande deus Amon. Ele foi construído com tijolos e rodeado por uma colunata. Em suas muralhas externas foram inscritas cenas abundantes de reis e soldados guerreiros meroíticos em situação de extrema superioridade militar sobre seus prisioneiros.

Outro local de adoração milenar do povo núbio era a Montanha Santa, o Jebel Barcal, localizado à margem direita do Nilo, a aproximadamente 3 km. Na verdade, trata-se de uma colina que se eleva a centena de metros acima do nível do Nilo. É muito impressionante, ao seu redor, é visível a imensidão da planície e do imenso deserto do Saara.

Os estilos da arquitetura e da escultura sacra do reino de Cuxe foram bastante influenciados pelos modelos egípcios, considerando a influência cultural

que predominava nessa região, quando do período em que o Egito exercia controle sobre a Antiga Núbia.

Grande parte das construções era copiada do estilo egípcio e como este povo recebia muitas influências greco-romanas, sírias, persas, indianas e árabes, esses estilos podem ter chegado ao reino de Cuxe através do Egito. O Quiosque de Naga – edifício próximo ao Templo do Leão. Construído sob a influência do Oriente romanizado. Com capitéis folhudos, janelas em arco e linhas pesadas de acordo com o estilo persa , é um exemplo disso. Fato semelhante ocorreu no Brasil, enquanto éramos colônia de Portugal. Veja o que foi escrito a esse respeito:

Texto 11

(...)

O quadro repetiu-se em outros espaços política ou culturalmente coloniais. Não distinto do que se observou nas regiões auríferas do Brasil, na segunda metade do séc. XVI nos primeiros anos do século XIX. A forma exterior e interior das igrejas de Ouro Preto, Maria ou São João del-Rei não se aparta das formas do barroco e do rococó bracarenses. Na frontai os imaginosos recortes de pedra contrastam com o reboco liso e branco do resto da parec tanto no norte de Portugal quanto em Minas Gerais. Os altares seguem as mesmas lições nele, as esculturas de santos. E as pinturas nos tetos podem ser mudadas através do Atlânti sem que se note muita diferença. Esta residirá mais nas feições e nos trajes dos santos, n paisagens, nas ornamentações derivadas de certas formas vegetais, na assimilação de motiv da terra e de outros, trazidos da Índia ou da China por mãos portuguesas, e muitas vezes aportuguesados, do que no estilo e na técnica. Os querubins e santos mulatos das igrejas Minas Gerais corresponderiam aos reis e rainhas meroítas de roupagens rebuscadas, cheias bordados, franjas e borlas, reis e rainhas com colares de contas grandes, diademas, toucad brincos, pulseiras, braceletes, anéis. Ao Quiosque de Naga correlacionar-se-ia a igrejinha Nossa Senhora do Ó, em Sabará.

Desse quadro de projeção provinciana dos modelos da metrópole, o gênio de um artis o Aleijadinho, recortou obras de extraordinária grandeza, e o talento de outros, como Manuel Costa Ataíde, se impôs contra uma tradição repetitiva. Tão alta era a incendiada imaginação tão profundo o sentimento do humano em Antônio Francisco Lisboa, que, diante de sua obra arquiteto e de escultor, como que se apequenam as excelentes igrejas de Entre-Douro-e-Min que estão em sua fonte. A culminância de um estilo foi alcançada na Colônia. Em Minas Gera E aqui termina a comparação com Meroe. (...)

(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes d portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, P. 134).

Atividades

1- Os egípcios exerciam influência cultural sobre os povos que dominavam politicamente. Os núbios absorveram muito do estilo arquitetônico egípcio e povos

vizinhos, enquanto foram periferia do Egito. Na História do Brasil Colônia, fato semelhante a este também ocorreu. Comente-o.

2- Atividade em grupo.Façam um levantamento em sua cidade a respeito da existência dos templos religiosos. Entrevistem seus dirigentes e busquem informações referentes a eles. Registrem através de fotografias.

3-Construam um painel narrativo e ilustrativo. Dividam-no em duas colunas. Na primeira, façam a exposição dos templos religiosos núbios; na segunda, utilizem o material conseguido em suas visitas aos templos religiosos de sua cidade e registrem no painel. Apresentem-no a sua turma.

Escrita meroíta... quanto enígma!

Para conhecermos a vida cotidiana de uma civilização antiga é necessário que sejam decifrados os códigos de sua língua escrita, assim como os vestígios deixados por seus habitantes.

O conhecimento da civilização egípcia evoluiu bastante depois que o francês Champollion decifrou os hieroglifos da língua egípcia, facilitando dessa forma, o entendimento do conteúdo literário das inscrições deixadas nas paredes do interior dos túmulos e templos sagrados.

Enquanto a Núbia esteve sob o domínio dos egípcios, muitos documentos foram produzidos. A estela de Piank é um exemplo disso. Ela nos forneceu detalhes de como foi sua conquista do reino do Egito.

Quando aconteceu o domínio da Núbia sobre o Egito, um idioma diferente do egípcio começou surgir, ficando conhecido como meroíta. A partir do governo do rei Arcamani, o idioma egípcio, praticamente desaparece e não mais é usado para se fazer as inscrições nos túmulos e monumentos kushitas. Sob a influência de

idiomas africanos, rapidamente os hieroglifos foram, pouco a pouco, sendo substituídos e dando forma a uma escrita cursiva. E, finalmente, surge uma língua original que se fez estranha até mesmo para os egiptólogos.

Os mais antigos testemunhos datáveis dessa escrita meroíta, surgiram durante o reinado da candace Shanakdakhete (170 – 160 a.C.). Vamos conhecer o que a historiografia tem a nos dizer sobre a escrita cursiva de Meroé? Vejamos:

Texto 12

(...), possuía um alfabeto de 23 sinais. Havia signos para os números e para certas palavas. Cada vocábulo era separado do outro por dois ou três pontos verticais.

O inglês F. L. Griffith decifrou, entre 1900 e 1911, as chaves dessa escrita. Conhecem-se os seus valores fonéticos, mas as palavas que formam não puderam até agora ser interpretadas. Identificam-se alguns nomes de pessoas e de lugares. Traduz-se a invocação inicial das estelas funerárias a Ísis e a Osíris. E pouco mais. Lê-se a escrita meroíta, mas se ignora, como acontece com o etrusco, o significado do que se lê.

A própria língua meroíta continua a ser um mistério. Não se aparenta ao núbio, nem ao beja das montanhas do mar Vermelho, nem a qualquer fala africana de nossos dias.

Enquanto o enígma persistir – e quem sabe se não persistirá para sempre? – e enquanto a arqueologia não avançar significadamente em seus trabalhos e nos revelar como era a vida quotidiana nas cidades e no campo, na corte, no templo e na casa do homem comum, continuaremos a saber sobre Meroe muitíssimo menos do que faria supor o considerável número de inscrições meroítas até agora encontradas.

Alguma coisa sabemos, embora de forma imprecisa. Não só através do que já arqueologicamente se desvendou, mas também de um e outro textos dos gregos e romanos.

(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p.125)

Atividades

1- Leia e identifique do texto 12:

Tipo – autoria - época conteúdo

2- Informe-se e elabore uma síntese biográfica sobre F.L.Griffith.

3- Analise o texto e escreva uma narrativa histórica sobre a escrita cursiva de Meroe.

Trabalhadores incansáveis

A Núbia era uma região muito cobiçada pelos egípcios, possuía riquezas naturais capazes de fornecer produtos e vantagens econômicas para quem tivesse o controle político da referida área. Nela existiam grandes quantidades de minas de

ouro e outras pedras preciosas. A agricultura e a pecuária eram largamente praticadas, tendo em vista as estepes, as savanas e o clima ameno, da região de Meroe. A cerâmica artesanal era outra atividade que fazia dos núbios um povo destacado na África Oriental, dentre os povos nilóticos. Portanto, os artesãos compunham uma categoria considerável de trabalhadores urbanos.

Diante do exposto, podemos concluir que existia uma variedade de trabalho, e conseqüentemente, uma grande quantidade de trabalhadores que se dedicavam a diferentes atividades econômicas, abrangendo desde o trabalho escravo até as atividades livres, no reino de Cuxe.

Sobre a rotina e condições de vida desses trabalhadores muito pouco sabemos, devido a escassez de fontes escritas e pela pequena quantidade de baixos-relevos e inscrições referentes a essa temática. Além disso, seus corpos não foram mumificados. Contudo, ainda é possível descobrirmos algo sobre esses heróis anômimos, que não foram devidamente reconhecidos pelo clero e pela nobreza núbia. Vejamos o que a historiografia nos relata sobre esses trabalhadores e suas vidas cotidianas.

Texto 13

O cemitério de Sanam e o setor plebeu das necrópoles de Meroe abrigariam aquela parcela da população urbana que ocupava o espaço social entre a diminuta nobreza, a gravitar em torno de um rei todo-poderoso, e a massa enorme de camponeses. Destes camponeses não se encontraram restos. Mas é fácil refazer-lhes a vida, a plantar, se nortistas, o trigo, a cevada, o linho; e , se sulistas, o sorgo, a abóbora e as tâmaras. A cavar poços nas áreas mais seca, para dar de beber aos grandes rebanhos. A mover o xadufe, para levar água do rio até os canais de regadio, nas margens altas. (...)

Era trabalho enfadonho e cansativo, mas consideravelmente menos duro que os mineiros – e estes talvez fossem escravos – que extraiam ouro no deserto, e ametistas, rubis, berilo e outras pedras de valor. A produção aurífera era grande. Tanto assim que Taraca, em apenas nove anos, colocou, num só dos templos por ele construído, 110kg de ouro. Dos mineiros, no entanto, nada se sabe, pois não se encontraram os lugares onde foram enterrados. (...)

Havia, é certo, pastores nômades ou seminômades, a exercer a transumância entre a estepe e o vale do rio. Mas o grosso do povo, que retirava o sustento da agricultura, praticada ao longo do rio Nilo e nos uedes da Butana, vivia em aldeotas. Em casas de tijolos e teto plano ou em palhoças de base redonda. Os templos e a nobreza deviam possuir grandes tratos de terra, que mandavam cultivar. A regra devia ser, contudo, a pequena exploração comunitária, familiar ou grupal, em que se combinavam a agricultura e a criação de gado. Junto às roças, mantinham-se vacas, ovelhas, cabras, jumentos e cavalos. E mesmo entre os agricultores sedentários devia haver um culto ao boi, como indicam os relevos nas sepulturas reais, os vasos de bronze e a cerâmica.

Cultivava-se o sorgo durra, resistente ao calor e à seca, podendo afastar-se da área irrigada e ganhar a estepe. E também a lentilha, o pepino, o melão, a tâmara, o algodão.

(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p 118-119, 139).

A desigualdade social é um fato marcante entre as sociedades da atualidade. Na antiga sociedade núbia também havia uma grande distinção entre as pessoas que ocupavam diferentes funções sócio-econômicas. Observe a iconografia e leia o que a historiografia nos diz a esse respeito:



Fonte: Bruno Miguel da Silva – Ilustração 05: Moradias Núbias

Texto 14

(...)

Nessas vilotas, havia casas maiores e menores; mais bem construídas e mais toscas; algumas separadas de suas vizinhas, a revelarem diferenças sociais e de riqueza, que em parte corresponderiam a distintos papéis econômicos. Entre os altos funcionários do rei, que pertenciam à nobreza, e o felá, havia toda uma gama de situações intermediárias: o grande, o médio e o pequeno comerciante, o sacerdote, o agricultor independente, o soldado, o publicano, o transportador de mercadorias em barcos, cáfilas ou tropas de burros, o mezinheiro, o artesão de vária espécie.

Os bem instalados na vida calçavam alpercatas e se vestiam de linho importado do Egito ou de panos de algodão tecidos localmente, panos em geral de cor branca, com bordados azuis ou verdes. Os demais andavam descalços e pouco mais cobririam de couro do que suas vergonhas. Todos se adornavam com colares, pulseiras, braçadeiras, tornozeleiras. De contas de vidros, de concha, de quartzo, de ágata, de coralinas, feitas na terra ou vindas de longe. Os nobres e os ricos enjoivam-se de ouro e pedrarias.

O recheio das casas era relativamente simples: o fogão, a cama – uma estrutura de madeira encimada por tiras de couro ou cordas -, potes de barro, cestos, peneiras, mós, enxadas e outros utensílios de ferro (faca, pinças, tesouras, buris, enxós, pregos, arames), bem como objetos importados, de bronze e prata (lucernas, vasos, cântaros, cálices, campainhas, copos, tigelas), de vidro (vasos, garrafas, frascos), de faiança e de madeira (pequenas caixas, algumas de cedro do Líbano. Com inscruções de mafim). De madeira, muitas vezes com guarnições de bronze e prata, eram as cadeiras de espaldar e os bancos desmontáveis, mas talvez neles sé se sentassem os reis e a alta nobreza. (COSTA E SILVA, 1996, p. 141-142).

Atividades

1- Anote as palavras que você não sabe o significado, pesquise e relacione-as em seu caderno.

2- Após leitura dos textos 13 e 14 e do documento , identifique:

Tipo – conteúdo - autoria – época - personagens históricos representados.

3- Informe-se e elabore uma síntese biográfica sobre o autor dos documentos.

4- Construa uma narrativa histórica retratando as razões da cobiça dos egípcios sobre a Núbia.

5- Analise os textos 13 e 14, faça um quadro e registre nele a diversidade dos trabalhadores núbios. Anote suas respectivas atribuições.

6- Pelos vestígios arquitetônicos e mobiliários encontrados nas cidades, é percebível a existência de desigualdade social em Meroe. Comente.

Escravidão núbia

Você já aprendeu que entre os núbios existiam diferenças de classes sociais. Sendo assim, havia famílias aristocráticas que além de chefiar o Estado e os exércitos, controlavam também a economia, acumulando para si muitos bens materias e privilégios.

Na África Antiga os povos não sentiam-se “africanos” ou “negros”, afinal, nesse tempo, não haviam ainda tais conceitos – eles só foram criados após a chegada dos europeus, a partir do séc. XV. O que existia eram povos diversos, cada um com sua própria cultura e forma de governo. A rivalidade era comum entre eles, pois, viviam disputando territórios, rotas de comércio e melhores áreas de mineração. O resultado disso você pode imaginar? Isso mesmo, as guerras ocorriam com muita freqüência. E os derrotados e prisioneiros dessas guerras acabavam se transformando em escravos dos vencedores.

Em alguns baixos-relevos é possível verificar cativos de guerras sendo conduzidos como escravos pelos bravos soldados meroítas e existem registros de compras e trocas de escravos nas rotas comerciais efetivadas no vale do Nilo. Contudo, é preciso compreender o tipo de escravidão praticada nos antigos reinos africanos, pois, haviam características particulares, se comparadas à escravidão greco-romana da antigüidade. Na África Antiga os escravos trabalhavam em atividades variadas, ao lado de artesãos e camponeses livres, fazendo os mesmos tipos de atividades. Depois de algum tempo, era comum a integração desses escravos na sociedade, podendo seus filhos nascerem livres. Alguns escravos podiam se destacar, tornando-se importantes administradores públicos, de palácios reais ou fazendas.

Cerâmica... herança da beleza núbia

Os núbios tinham um jeito muito particular de fazer sua cerâmica, faziam-na com delicadeza e sensibilidade! Era feita em abundância , com riqueza e diversidade, em termos de estética.

De acordo com a tradição núbia, os vasos eram feitos geralmente de base arredondadas, sendo negros, contendo incisos e às vezes, com detalhes coloridos

em vermelho e branco. As mulheres é que faziam esse trabalho de arte moldado à mão, onde os estilos núbios eram mostrados com extrema fidelidade. Epa! Que história é essa? Só as mulheres núbias sabiam fazer vasos de cerâmicas? E os homens, não participavam dessa atividade tradicional meroíta? Inicialmente, talvez não, porém, com o passar do tempo essa atividade passou a ser feita também pelos homens. Não se sabe exatamente quando, mas a partir do uso da roda do oleiro, a produção e a variedade das formas tornaram-se maiores.

As peças eram decoradas de maneira elegante e retratavam cenas de fauna, flora e o cotidiano de sua gente, com muita imaginação e delicadeza. Diferente da cerâmica romana, cujas peças, eram inteiramente pintadas de vermelho, lisas e sem desenhos. Leia o que a historiografia nos diz sobre as particularidades da cerâmica meroíta:

Texto 15

(...)

Alguns vasos pequenos possuem a parede tão delgada que são conhecidos como "cerâmica de casca de ovo". Neles se pintam, em vermelho e preto sobre fundo creme ou ocre amarelado, ou, - o que é menos freqüente – em branco e preto sobre fundo encarnado, motivos egípicios, como o ankh (ou símbolo da vida), o lótus e o uraeus, trevos, gavinhas, triângulos e losangos, rãs, crocodilos, cobras, galinhas-d'angola, girafas – muitas vezes com excepcional finura e sensibilidade.

Se perdem em delicadeza, os vasos maiores, de paredes mais grossas, ganham em ousadia e verdade artística. Em alguns deles, sente-se a soltura do pintor, bem-humorado ou lírico, a reproduzir a face humana, cenas da vida diária, movimentos dos animais. No ombro de um jarro bojudo, um homem de tanga e cabelo pixaim morre sob o leão que o derrubou.

Esta cerâmica feita quase em série, mas bem-feita, é a melhor herança de beleza da gente meroíta. Alguns de seus exemplares são de qualidade extraordinária, como forma, como rigor e invenção decorativa, como superfície luminosa.

(...)

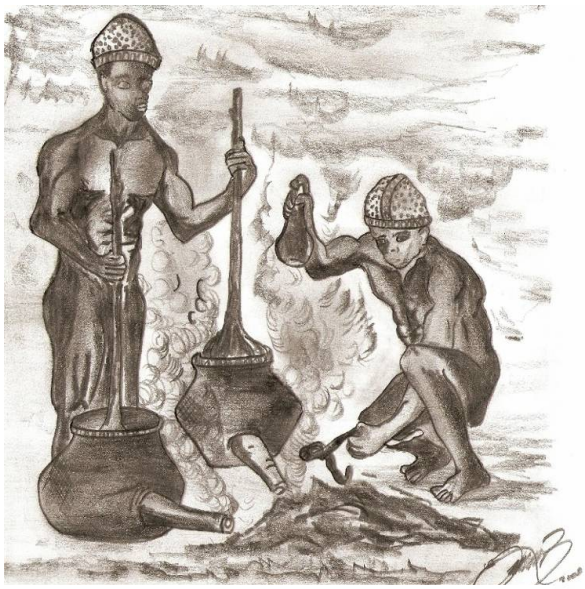
(COSTA E SILVA, **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996,

Atividades

1- Após leitura do texto 15 construa uma narrativa histórica sobre o jeito particular dos meroítas em fazer a produção de sua cerâmica.

2- Em dupla. Pesquise e descubra se os núbios da atualidade ainda são hábeis ceramistas. Façam uma narrativa histórica sobre essa temática.

O legado do Império Núbio no mundo antigo



Fonte: Elton John Beraldi – Ilustração 06: Fundição de Ferro

O mundo antigo, especialmente a África recebeu muita influência do povo cuxita. Muitas lendas da África Meridional e Ocidental falam de uma iniciação trazida por homens oriundos do leste, provavelmente, meroítas. Os cuxitas eram habilidosos na metalurgia do ferro, Ainda hoje, muitos povos africanos continuam derretendo o bronze pelo processo da cera perdida, da mesma forma que era feita no reino de Cuxe.

Leia o que dois historiadores conceituados escreveram sobre este assunto.

Texto 16

(...) Eram hábeis a trabalhar o ferro. Uma das razões porque transferiram a capital de Napata, no Norte, para Meroe, no Sul, pode ter sido o minério de ferro e a madeira necessária para a fundição encontrados próximos da nova capital. Em volta das ruínas de Meroe ainda se podem ver montes de escória nos sítios onde trabalharam os fundidores do ferro. Alguns historiadores pensam que foi de Meroe que as técnicas do trabalho do ferro primeiramente se estenderam até o resto da África interior, talvez pelas rotas comerciais que ligavam Meroe às terras do Níger e mais além.

BASIL, Davidson. A descoberta do passado de África. Tradução de José Maia Alexandre. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1981, p.27

Texto 17

(...) Mas a contribuição capital do império Meroítico foi a disseminação da indústria do ferro no continente africano.

Qualquer que seja a importância da penetração das influências meroíticas na África, o papel de Kush não pode ser substimado. Durante um milênio – primeiro em Napata, depois em Meroe – desenvolveu-se uma civilização poderosamente original, que, sob um estilo egípcio mantido com maior ou menor constância, permaneceu profundamente africana.

LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07, 1979. p. 10-11.

Atividades

1- Leia o texto 16 e 17. Observe a ilustração 6 e descreva o que é possível saber através dela, sobre a metalurgia do ferro em Meroe. Pesquise e faça uma narrativa histórica comentando sobre o legado do reino de Cuxe.

3- Pesquise e descubra como se dá o processo da cera perdida, adotada no reino de Cuxe, no que se refere à metalurgia do bronze.

Pressupostos teóricos

Caro professor!

Esta Unidade Didática é fruto de um trabalho feito com muita satisfação. Trata-se da mais significante das atividades previstas no Programa de Desenvolvimento Educacional _ PDE/2008. Ela foi elaborada com o objetivo de mostrar o modo próprio de vida do povo núbio, que viveu no vale do Nilo entre os séc. VIII a.C e II d.C.

Considerando que esta temática está contemplada nas Diretrizes Curriculares do Paraná e atende ao que diz a Lei nº 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, esse material didático-pedagógico não pretende apenas apresentar conceitos históricos e conhecimentos, mas estudar a Antiguidade de uma forma renovada e agradável. Para isso, os textos foram escritos contendo uma linguagem clara, porém, não simplificada.

Diante da escassez de material produzido nos livros didáticos sobre esse povo africano, é que ocorreu o propósito de pesquisa e elaboração desta Unidade Didática que, embora, destinada à formação de alunos do Ensino Básico, acreditamos que esse material possa ser igualmente consultado e usufruído pelos discentes, visando a melhoria da qualidade da educação nas escolas públicas paranaenses.

A utilização desse material didático-pedagógico foi prevista para alunos do Ensino Médio, podendo ser adaptados tanto os textos quantos as atividades, dependendo do nível de cada turma. Utilizando-se de textos elaborados por nós - professoras PDE/2008 e orientador- UEM – procuramos entremear exertos de textos de autores variados e documentos iconográficos - produzidos por alunos de Ensino Médio do Colégio Estadual Duque de Caxias – EFM, para leituras e análises. As atividades foram propostas como mediação entre as fontes historiográficas e os alunos.

Não é necessário que o trabalho com os conteúdos seja feito na mesma ordem apresentada neste material. É possível estudá-los em outra ordem e utilizando-se de outros materiais de seu interesse.

As atividades propostas não precisam ser trabalhadas sempre após a leitura dos textos. Você pode iniciar a aula com a proposição de uma atividade geradora

de dúvida ou instigação e em seguida analisar os textos e através da mediação, propiciar aos alunos condições, para que possam construir suas próprias narrativas históricas.

As respostas às atividades poderão ser encontradas nos textos do professor PDE, nos excertos e imagens de autores variados e muitas vezes será necessário pesquisas de campo, utilização de Laboratório de Informática , Biblioteca e outros recursos.

As atividades propostas nesta Unidade Didática podem ser utilizadas como instrumentos de avaliação contínua. Basta que você estabeleça um planejamento de como melhor utilizá-las. Algumas com função de ensinar e outras com função de avaliar de acordo com o contexto em que foram inseridas.

É importante que você estabeleça critérios de avaliação que serão utilizados em cada atividade selecionada. A leitura dos textos e realização das atividades poderão ser feitas em grupos ou de forma individual. Os alunos poderão ser observados e avaliados durante a aula. Notas ou conceitos poderão ser registrados após a realização de cada atividade diretamente no Livro de Registros ou em planilhas próprias, elaboradas para esse fim. Se não houver tempo para observar todos os alunos numa aula, você poderá corrigir em outra aula ou recolher e avaliar em outro momento.

Para estudar e avaliar textos historiográficos variados (didáticos, de época, jornalísticos, canções etc.) e iconográficos como fontes e extrair informações deles, você pode solicitar a elaboração de quadros e atividades contendo:

- identificação do autor, época, tema, personagens, local, contexto histórico em que foi produzido;
- descrição da função que foram criados;
- elaboração de glossários com palavras deconhecidas nos textos;
- busca de informações no próprio texto ou em outras fontes sobre alguns elementos em estudo;
- produção de sínteses;
- pesquisa de biografias dos autores dos documentos.
- construção de frisas cronológicas.

Avaliar os alunos enquanto eles expõem seus trabalhos, mediante narrativas históricas, painéis e apresentação de mostras para a comunidade escolar é

considerar que os alunos podem aprender enquanto são avaliados e avaliados enquanto aprendem.

Bom trabalho!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. 161ª ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005

BRISSAUD, Jean-Marc. **A civilização núbia até a conquista árabe**. Rio de Janeiro: Editions Ferni, 1978.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança A África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DAVIDSON, Basil. **A descoberta do passado de África.** Tradução de José Maia Alexandre. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1981

_____. **Revelando a velha África.** Lisboa: Prelo Editora, 1968

FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In: Karnal, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

HAKEM, Ahmed. Quando as mulheres reinavam em Meroe. **Correio da Unesco**: vol. 07, 1979.

LECLANT, Jean. Kush, o reino que durou mil anos. **Correio da Unesco**, vol. 07, 1979. p. 10-11.

MURRAY, Jocelyn. **África**: o despertar de um continente. (Grandes impérios e civilizações). Vol. 1. Madrid: Edições Del Prado, 1997.

Nack, Emil. **Egipto y el próximo oriente en la antigüidad**. Barcelona: Labor, s/d.

PARANÁ. Secretaria de Estado da educação. **Cadernos Temáticos: inserção** dos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares. Curitiba: SEED-PR, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos temáticos: História e Cultura Afro-brasileira e Africana: educando para as relações étnico-raciais.** Curitiba: SEED-PR, 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da História para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

READER, John. **África, biografia de um continente**. Lisboa: Publicações Euro América, 2002 (org. 1997).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2005.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2006.

TRAUNECKER, Claude. **Os deuses do Egito.** Tradução de Emanuel Araújo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DOCUMENTOS CONSULTADOS ON LINE

<http://letras.terra.com.br/salgueiro-rj/810871/> Acesso em: 03/09/08

< http://odiplomata.blog.com/2048673/> acesso em 21/10/08

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/030120_farao1lmp.shtml>acesso em 02/09/08

< http://www.passeiweb.com/saiba_mais/voce_sabia/faraos_negros> acesso em 02/09/08

<http://super.abril.com.br/superarquivo/1997/conteudo_116274.shtml> acesso em 02/09/08

<http://www.historiadomundo.com.br/egipcia/faraos-negros/> acesso em 02/09/08

<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML938761-1738,00.html > acesso em 02/09/08